

A perseguição a igreja

Desde o seu nascimento, a igreja de Cristo mostrava um elemento contraditório, contestador e polêmico: o alvo da fé dos cristãos era o Senhor Crucificado, o símbolo da fé cristã um instrumento de morte, o discipulado como Jesus o definiu era seguir esse caminho de sacrifício (Mt 16) e o Mestre previu desde o início perseguição e dificuldade (Mt 5). De fato, os três primeiros séculos da era cristã mostraram a tensão entre a igreja e seu contexto.¹

Os primeiros cristãos não criam estar fundando uma nova religião, mas se viam como judeus que criam que o Messias havia se revelado na pessoa de Jesus de Nazaré e inaugurado um novo momento, um reino messiânico. Do ponto de vista dos judeus se dava o mesmo: eles não viam o cristianismo como uma nova fé, mas como um seita herética dentro do judaísmo, assim como haviam outros “partidos” como os fariseus e os saduceus. Logo, os primeiros perseguidores dos cristãos foram os judeus. Vemos esse fato no martírio de Estêvão (At 7) e nas primeiras perseguições, várias delas empreendidas por Paulo (At 8 e 9).

Contudo, com a conversão cada vez mais dos gentios, em grande parte resultantes das viagens missionárias de Paulo e dos debates que as mesmas suscitaram na igreja (At 15), a comunidade cristã foi se tornando mais e mais gentilica na sua proporção, com cada vez menos judeus. Esse foi um dos elementos que tornou claro aos judeus e aos romanos que o cristianismo era uma nova forma de religião.

A primeira onda de perseguição aos cristãos pelos romanos foi empreendida por Nero, que subiu ao trono em 54 d.C. e se tornou um dos imperadores romanos mais famosos por sua mania de grandeza e loucura. Em 64 d.C. alastrou-se por Roma um imenso incêndio que destruiu dez dos catorze bairros da cidade. Quando a desconfiança começou a recair sobre Nero, o mesmo culpou os cristãos e o historiador Tácito narra que Nero os perseguiu com insana crueldade: muitos foram devorados pelas feras no Coliseu, outros foram dilacerados por cachorros e outros foram incendiados vivos como tochas humanas no palácio do imperador.

Outro elemento tem a ver com a destruição de Jerusalém pelos romanos. No ano 66 d.C. iniciou-se uma revolta judaica contra o jugo romano, chamada por muitos de “Grande Revolta Judaica”. Iniciou-se um confronto que terminou em 70 d.C., quando os romanos tomaram e destruíram Jerusalém, sob a liderança de Tito, impondo aos judeus sobreviventes a diáspora: serem espalhados ao longo do tecido do império. A diáspora também afetou a igreja, que também foi espalhada ao longo do império e continuou crescendo entre os gentios. Em 68 d.C. Nero foi deposto pelo Senado e se suicidou, sendo sucedido por Vespasiano (que iniciou a luta contra a grande revolta dos judeus em 66 d.C.) e depois por seu filho Tito (o general que venceu de fato a revolta judaica).

Nesse período houve relativa paz, até a ascensão de Domiciano em 81 d.C. Domiciano pretendia restaurar as velhas tradições romanas, incluindo a antiga religião romana. Diante do fato dos cristãos se negarem a participar da religião romana, Domiciano desatou uma cruel perseguição as igrejas, especialmente em Roma e na Ásia Menor. É neste contexto que o Apóstolo João, que provavelmente estava em Éfeso neste período, foi deportado para Patmos, na qual o Senhor lhe deu uma visão e uma mensagem para a igreja perseguida. Este período de perseguição, embora intenso, foi mais breve tendo em vista que Domiciano foi assassinado em seu próprio palácio.

No século II o Império Romano manteve uma posição contraditória contra os cristãos, que iniciou com uma série de cartas entre Plínio e Trajano. Plínio Segundo, o Jovem, era governador da Bitínia no início do séc. I. e percebeu que o cristianismo havia feitos muitos convertidos tanto nos campos quanto na cidade, chegando a esvaziar os templos pagãos. Plínio começou a interrogar os cristãos e se inteirar de sua práticas e crenças, a ponto de se questionar qual era o verdadeiro crime dos cristãos. Ao escrever uma carta ao imperador Trajano, recebeu a resposta de que o crime dos cristãos não era tão grave a ponto de demandar os recursos do estado em uma ampla busca ao longo do império, mas se alguém fosse acusado e se negasse a adorar os deuses romanos, deveriam ser punidos.

Esta foi a prática de perseguição do Império Romano por praticamente todo o período dos séculos II e III: os cristãos não eram perseguidos ativamente, mas se denunciados eram julgados e mortos. É neste contexto que o Bispo de Antioquia, Inácio, foi martirizado em Roma. Após ter sido acusado, Inácio negou-se a adorar os deuses e foi encaminhado para morrer em Roma. No caminho de sua morte, escreveu 7 cartas que se tornaram documentos vitais na história da igreja, dentre elas uma carta aos cristãos romanos no qual tenta dissuadi-los de executar um plano cujo

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.38-93

alvo era tentar resgatar o bispo. Inácio afirma aos cristãos romanos que é naquele momento que enfrenta o supremo sacrifício que começava a ser discípulo.

O martírio como prova de lealdade a Jesus e como sinal de fé genuína e verdadeira se tornou então um tema central para a igreja dos séculos II e III. Em 155 d.C. o Bispo de Esmirna, Policarpo, foi perseguido após um grupo de cristãos ser denunciado e condenado pelos tribunais. Policarpo foi perseguido até decidir se render, e afirmando sua fé em Jesus foi queimado vivo. O martírio de Policarpo levantou uma questão na igreja: é lícito um discípulo se entregar voluntariamente para o martírio? Aqueles que se entregavam eram chamados “espontâneos”, contudo a história revela que alguns desses eram pessoas com desequilíbrios mentais que muitas vezes negavam a fé diante da morte.

Em 161 d.C. se tornou imperado Marco Aurélio, um imperador culto e letrado, mas que impôs dura perseguição a igreja. O mais notório martírio de seu império foi o de uma viúva que era sustentada pela igreja chamada Felicidade, que foi executada com seus setes filhos após negar-se a abandonar a fé em Jesus. Aquela família foi primeiramente açoitada e depois decapitada em local público.

Marco Aurélio morreu em 180 d.C. e foi sucedido por Cômodo, que foi sucedido por Sétimo Severo em 193 d.C., que tornou-se também um perseguidor dos cristãos, adentrando o séc.III. As acusações contra os cristãos eram muitas, tendo em vista que histórias absurdas se espalhavam no boca a boca. Alguns afirmavam que aconteciam relações incestuosas entre os cristãos tendo em vista que se tratavam por “irmãos” e “irmãs”. Outros acusavam os cristãos de serem ateus pois não havia qualquer imagem vinculada ao seu culto. Havia ainda aqueles que, ouvindo pequenos trechos sobre a ceia do Senhor, acusavam os cristãos de antropofagia – comer carne humana. Além disso os cristãos não se envolviam com absolutamente nada que estivesse conectado a idolatria e ao politeísmo greco-romano: muitas ocasiões solenes nas quais se oferecia sacrifícios e juramentos aos deuses, o culto ao imperador, o engajamento no exército. Tudo isso compunha um quadro geral no qual os cristãos eram vistos como pessoas que tinham profundo ódio a sociedade em geral e ateus que não criam em absolutamente nada.

Neste contexto, no séc. III proliferaram uma série de escritos nos quais os autores faziam duríssimas críticas a fé cristã, como por exemplo “A palavra verdadeira” de Celso e os textos de Cornélio Frontão. Esses textos retratavam os cristãos como ignorantes que se arrogavam uma pretensa sabedoria mas que no fundo no passava de bobagens. Na perspectiva dos nobres cultos, os cristãos eram “uma gentinha desprezível”.² Celso chega a afirmar que os cristãos são as pessoas mais incultas e ignorantes, pobres e pinta imagens de profissões desprezadas na época em ligação a fé cristã. Como resposta a estas críticas e acusações, levantaram-se grandes apologistas – defensores da fé cristã – que escrevem textos brilhantes defendendo a fé cristã: Aristides (138 d.C), Justino, O Mártir – autor de duas apologias e “Diálogo com Trifão”, Taciano que escreveu “Discurso aos gregos”, Atenágoras que escreveu “Defesa dos cristãos” e Teófilo que escreveu “Três livros a Autólico”. Além desses podemos citar Orígenes (“Contra Celso”), Tertuliano (“Apologia”) e Minúcio Félix (“Otávio”).

Também foi marcante neste período uma divisão dentro da igreja no tocante a relação que os cristão deveriam manter com a cultura clássica, ou seja, a cultura grega representada pelas obras de Platão, Aristóteles, os estoicos e outras escolas clássicas da filosofia grega. Havia uma posição representada por Tertuliano no princípio do séc. III na qual a igreja não deveria dialogar de maneira nenhuma com a cultura clássica, que era essencialmente pagã. Outros já não tinham uma visão tão negativa da cultura. Um exemplo é Justino, O Mártir, que após conhecer diversas correntes filosóficas encontrou na fé cristã aquilo que chamava “verdadeira filosofia”. Justino passou a partir de então a pesquisar os pontos de diálogo entre as obras de Platão e as Escrituras, expondo a fé cristã a partir desse diálogo na cidade de Roma em uma escola de filosofia.

O século III também foi marcado pela presença desses mestres, estudiosos da Bíblia que marcaram sua época com seus escritos conhecidos como Pais da Igreja. Esse período ficou conhecido como período “Patrístico” e os Pais da igreja podem ser divididos em dois períodos: os Pais Apostólicos (séc. I e II – Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna)³ e os Pais Apologistas (séc. II e III – Justino, Irineu de Lion, Tertuliano de Cartago, Clemente de Alexandria, Orígenes de Alexandria).⁴

Sétimo Severo quis fundar um culto sincretista ao “Sol Invicto” que misturava todas as religiões do império e mais algumas correntes filosóficas visando trazer maior unidade ao império. Neste contexto foi proibida a adesão de novos convertidos ao judaísmo e ao cristianismo. Por volta de 203, foram condenados cinco jovens catecúmenos que havia acabado de professar sua fé em Jesus, uma destes era uma jovem grávida que deu a luz na prisão. Este período levantou uma dura questão a igreja: o que fazer com aqueles que no fogo da perseguição haviam negado a Jesus como seu Senhor? Os séculos I a III foram tempos difíceis, nos quais a igreja cresceu no sangue dos mártires.

² GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.56

³ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.33

⁴ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.43